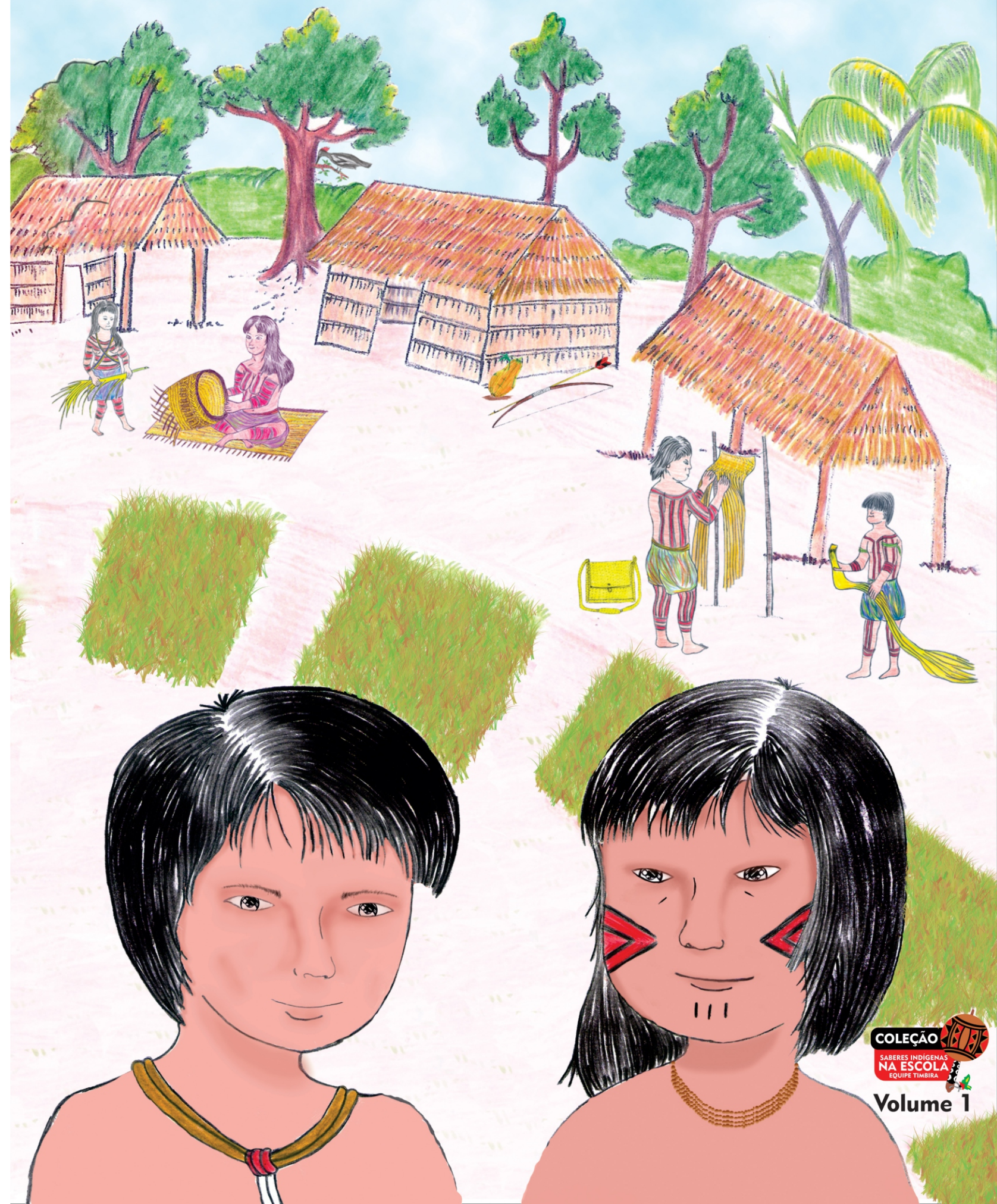


MÊ PAHTE AMNHÎ NHÎPÊX KÔT AHPUMUNH

ALFABETIZAÇÃO PELOS CONHECIMENTOS

JÚLIO KAMÊR RIBEIRO APINAJÉ



GOVERNO FEDERAL
PRESIDENTE MICHEL TEMER

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
JOSÉ MENDONÇA BEZERRA FILHO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PROF. DR. LUÍS EDUARDO BOVOLATO - REITOR

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
PROF. MSc. MARIA SANTANA FERREIRA DOS SANTOS

REALIZAÇÃO
REDE SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA - UFG, UFMA, UFT

ILUSTRADORES
JÚLIO KAMÊR RIBEIRO APINAJÉ
SANDRO PÊPKRĀKAHĪ CORREDOR APINAJÉ
ROSANGELA FERNANDES APINAGÉ
FÁBIO KATÂM APINAJÉ
HERMINIA FERNANDES

EDIÇÃO E ARTE-FINAL
ADAILSON RODRIGUES SOARES

SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA
EQUIPE TIMBIRA - UFT

ODAIR GIRALDIN
LIGIA RAQUEL R. SOARES
MARIA DO CARMO PEREIRA DOS SANTOS TITO
ADAILSON RODRIGUES SOARES
ANDRÉ DEMARCHI
CHRISTIANE CUNHA DE OLIVEIRA
CASSIANO SOTERO APINAGÉ
TEREZINHA AMNHĀK APINAGÉ
MARIA DOS REIS PANDY APINAJÉ
JÚLIO KAMÊR RIBEIRO APINAJÉ
JULIANO NHINÔ RIBEIRO APINAJÉ
RAIMUNDA KUPÊPRÔ APINAJÉ
DODANIM ALVES PEREIRA KRAHÔ
ISMAEL AHPRAC TI KRAHÔ
JOEL MARCOS CUXY KRAHÔ
CREUZA PRUMKWYJ KRAHÔ
HYKY KRAHÔ
OLAVO TEPIÔPIR KRAHÔ
ALEXANDRE DE SOUSA FERNANDES APINAJÉ (ZÉ CABELO)

SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA
EQUIPE TIMBIRA - UFMA

EMILENE LEITE DE SOUSA
APARECIDA DE LARA LOPES DIAS
DHIAGO REZENDE GOMES
KARITANIA DOS SANTOS ARAUJO
LIVIA CIRNE DE AZEVEDO PEREIRA
MARIA JOSÉ RIBEIRO DE SÁ
CLAUDIO JOSÉ BRAGA ROCHA
BRUNO ROCHA GAVIÃO
DAMÁSIO BELIZÁRIO
DANA SOUSA GAVIÃO
PAULO BELIZÁRIO GAVIÃO
JONAS POLINO SANSÃO PYNHÊH GAVIÃO
MIRACEMA ROPCWIJ KRIKATI
JAIR ANJOHCOHRA KRIKATI
SILVIA CRISTINA PUXCWYJ KRIKATI
MARIA CAPAKWYJ KRIKATI
FRANCISQUINHO TEPHOT CANELA
RICARDO KAPERREKO CANELA
JOSE CARLOS JITE SOBRINHO CANELA
PAULO THUGRAN CANELA

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins
Campus Universitário de Porto Nacional

A371.82m Apinajé, Júlio Kamêr Ribeiro
Mê Pahte Amnhĩ Nhĩ pêx Kôt Ahpumunh= Alfabetização
pelos conhecimentos / Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé. – Palmas -
TO : Provisão, 2017.
51 p. : il. - (Coleção Saberes Indígenas na Escola. Equipe
Timbira; v.1)

ISBN : 978-85-60759-35-4

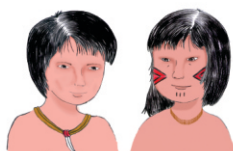
1. Educação indígena. 2. Alfabetização. I. Título. II. Série.

CDD: 371.82

Ficha Catalográfica: Rosana Maria Santos de Oliveira Corrêa
Bibliotecária CRB2-810

Índice para catálogo sistemático:

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

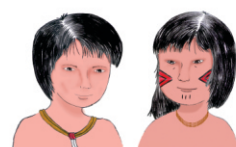


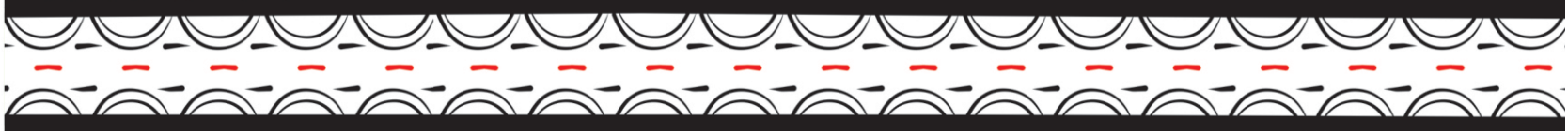
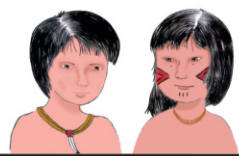


Volume 1

MÊ PAHTE AMNHĨ NHĨPÊX KÔT AHPUMUNH ALFABETIZAÇÃO PELOS CONHECIMENTOS

Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé



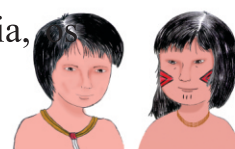


Apresentação

A Ação Saberes Indígenas na Escola foi efetivada pelo Ministério da Educação em 2013, considerando-se uma demanda colocada pelos delegados e pelos movimentos indígenas na I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena, ocorrida em 2009.

Ao criar essa ação, objetiva-se provocar a reflexão sobre as práticas pedagógicas nas escolas indígenas visando valorizar os conhecimentos indígenas e os processos próprios de ensino e aprendizagem a serem praticados na educação escolar indígena. Para isso, as Universidades Públicas foram convidadas pelo MEC/SECADI a formarem redes de atuação visando trabalharem na formação conti-

nuada dos professores indígenas. Nessa atuação procura-se trabalhar a autonomia dos povos ao priorizar seus processos próprios de ensino-aprendizagem, bem como visa contribuir para que os professores indígenas reflitam sobre a produção de material didático e pedagógico referente ao letramento e alfabetização. Assim, foram criadas várias redes no Brasil, sendo uma delas formada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Federal do Tocantins (UFT). A UFG tem atuado com os povos Akwẽ/Xerente, os Tapuia,

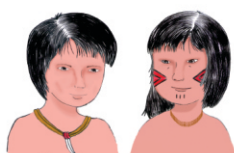




Inỹ (Karajá, Javaé e Xambioá), os Tapirapé e os Tenetehar/Guajajara. Já a UFMA (campus de Imperatriz) e a UFT (campus de Porto Nacional, através do Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas - NEAI), tem atuado ambas conjuntamente com os povos Timbira, que formam o Território Etnoeducacional Timbira.

Este trabalho, aqui apresentado, elaborado por Julio Kamer Ribeiro Apina-je, é um produto que está ligado a essa proposta, com material pedagógico voltado para a valorização da oralidade no processo de letramento e alfabetização. A maior parte da reflexão que o levou a elaborar esse material, esta relacionada à experiência de Kamer durante o curso de graduação em educação intercultural realizado na Universidade Federal de Goiás.

Porém, há que se reconhecer que a valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos Timbira já vem sendo enfatizada desde os anos 1990 pelo Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pinxwỳj Himpejxà - CTEPPH. Esse Centro esta localizado na cidade de Carolina (MA) e foi criado pela Comissão de Professores Timbira juntamente com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Naquele Centro foram realizadas diversas atividades de registro de conhecimentos sobre histórias, narrativas, rituais, cantos, meio ambiente, dentre outros, através das ações desenvolvidas pelo projeto Měntwajê Cultural, Měntwajê Ambiental e Měntwajê Administrativo que eram planejadas e desenvolvidas pela equipe do Programa de Educação e Referência Cultural Timbira. Nessas ações procurava-se colocar os jovens (Měntwajê) de vários povos Timbira em contato com os anciãos e anciãs para promover essa comunicação entre gerações, visando a transmissão dos conheci-

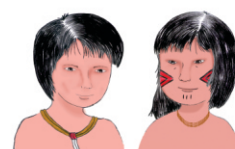




mentos ao mesmo tempo que se realizavam os registros. Muitos desses registros tornaram-se materiais didáticos que estão sendo utilizados nas escolas das aldeias Timbira do Tocantins e Maranhão. Júlio Kamer foi um dos jovens que participou do Mëntwajê Cultural e ele sempre destaca a importância dessa experiência para o seu envolvimento com a pesquisa e a busca constante por mais conhecimentos de seu povo. Assim como Kamer, outros jovens Apinaje e de outros povos Timbira destacam a importância das ações realizadas pelo CTEPPH.

Além dessas ações, naquele Centro também aconteceu a experiência da Escola Timbira, que foi o processo formação dos professores Timbira, através da Comissão de Professores, que depois se desdobrou na oferta de Ensino Fundamental (5^a. a 8^a. Séries) para uma turma de jovens, em parceria com as SEDUCs do Tocantins e Maranhão. Esses estudantes tinham em seu conteúdo curricular também os saberes indígenas tradicionais, de tal forma que em todas as etapas de realização do curso, sempre estava presente ao menos um ancião para atuar como conteudista para a turma. As ações aqui destacadas tinham como metodologia, para o processo de formação desses jovens, os preceitos da educação escolar indígena diferenciada e construída constantemente com os povos envolvidos nesse processo. Essas ações se complementaram por um longo tempo e hoje refletem nas aldeias Timbira, pois muitos daqueles que participaram dessas ações são hoje importantes pesquisadores (e vários deles, professores) de seus conhecimentos ou então lideranças em suas aldeias.

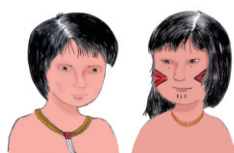
Assim, reconhecemos que estamos dando seguimento a uma atividade que





já teve experiências exitosas anteriores, às quais devemos reconhecer o devido valor, ter como referência e na qual buscamos inspirações sempre que possível.

Equipe Timbira – UFT/UFMA



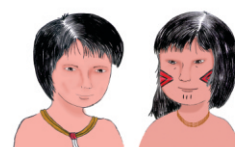
INTRODUÇÃO - BASEADO EM RITUAL PANHĨ/ PĚPKAHÀK

A inspiração ou criação desse material pedagógico está baseada em reflexões sobre um dos principais rituais onde o jovem começava a sua jornada de conhecimento sociocultural conforme a visão de mundo panhĩ. Esse método da contextualização denomina-se Pěpkahàk (grandes guerreiros).



O Panhĩ Apinajé como povo Timbira, realizava também a formação dos novos rapazes como os demais povos deste grupo, por meio do Pěpkaàk e Pěpkumrêx. Estes dois momentos são semelhantes, respectivamente, ao Pěpjê e Pěpcahac (Canela) ou Kêtuwajê e Pěpcahac (Krahô). No entanto foram nos anos 30 ou 40 do século XX que estes rituais foram deixados de ser praticados. Nesse período uma epidemia de varíola quase acabou com os Panhĩ. A população estava reduzida a um pequeno número de pessoas restando poucos rapazes em condição de participar do Pěpkaàk.

Na verdade, há também outros meios de ambos os sexos aprender e entender o mundo. Como esse ritual se concentra numa forma de processo de aprendizagem e ensino, procuro refletir sobre o seu modelo numa tentativa de



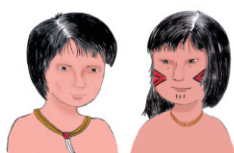


processar os conhecimentos por meio da escola e aldeia e vice-versa.

Desta reflexão surgiu a necessidade de transformar esse formato de educação em material de alfabetização pelos conhecimentos para as series iniciais. Porém não focando somente na escrita, mas sim na forma como cada *mêhprĩrejaja* (as crianças) desenvolve suas habilidades de acordo com a idade e desenvoltura de cada uma. O mundo das crianças deste povo Panhĩ é praticado no dia a dia, como ritual das festas tradicionais, cantos, mitos, histórias e atividades na sua aldeia ou em outras aldeias vizinhas.

A contextualização é essencial no processo de aprendizagem e ensino. Sobretudo as crianças estão sempre participando, ouvindo as conversas em diálogo com as pessoas já experientes a respeito de um determinado assunto. O conhecimento que a criança trás de seu ambiente de convívio familiar, lhe facilitará a organização do conhecimento e o desenvolvimento da oralidade, a partir do conhecimento adquirido no dia a dia e em relação ao mundo das letras envolvendo e relacionando o significado da figura com mundo da escrita.

O material aqui apresentado, tem o objetivo de movimentar e fortalecer o processo próprio de ensino das crianças/jovens dentro da sua visão de mundo, ao investigar a importância do conhecimento e sabedoria que não esta sendo praticada pela maioria, principalmente a população mais jovem. Visualizo a importância da realidade e a participação da comunidade para fortalecer e manter este processo próprio de aquisição de conhecimento, através do exercício e da pratica dos seus

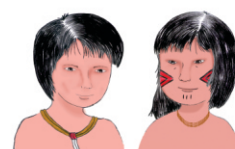




cantos, línguas e mitos que refletem a sua vida cotidiana. Portanto é de extrema relevância a continuidade e pratica desta concepção para o fortalecimento sociocultural do povo Panhĩ Apinajé.

É de extrema importância que haja a contextualização dos conhecimentos do(a)s *mẽhprĩrejaja* (as crianças) a partir do ponto de vista dela e não no ponto de vista dos docentes.

Comecei a pensar num material que valorize a cultura e a oralidade junto com a escola. Iniciei essas reflexões na época com minha avó Grehô conhecida, como Nhiwêêre, e também com o *gêêti* (avô) Kagàpxi, que são pessoas com quem eu convivi e por ter ouvido um pouquinho daquilo que aprendi, dentre eles o Pẽpkààk. Imaginava-me como personagem desta história. Tentei elaborar essa ideia durante o magistério de 2006 a 2007 como discente, tentando entender os conceitos da política de educação escolar indígena ofertado pela SEDUC – TO. Mas aquele foi o começo da minha trajetória em refletir sobre material específico e diferenciado. Aprimorei essa ideia quando tive oportunidade de estudar na educação intercultural do Núcleo Takinahakỳ de Formação Superior Indígena, da UFG, e assim venho aprimorando cada vez mais. Então a ideia é tentar aproximar o processo de aprendizagem como se fosse processo de aprendizagem Pẽpkààk e não aprender algo fixo. A partir de então, após o término do curso em 2012, comecei a por as ideias em prática. Em seguida veio o programa Saberes Indígenas na Escola e enfim se concretiza parte da minha ideia de alfabetização pelos conhecimentos.





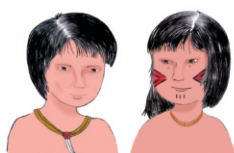
Alfabetização não é só aquilo que fazemos, mas sim aquilo que vivemos.

O mais interessante nesta história é o meu retorno de volta ao magistério indígena, agora como docente formado em nível superior. Nos anos de 2015, 2016 e 2017, passei a ministrar língua Apinaje no curso no Magistério Indígena. Nessa oportunidade os discentes Panhĩ produziram as ilustrações que estavam faltando neste material. Mais uma vez o magistério indígena participa da minha atuação em produção de material de alfabetização de fato. Mas ainda há muito que fazer.

O uso deste material esta baseado na alfabetização pelos conhecimentos. Portanto tem figuras, palavras e as letras: vogais e consoantes, além de pequenas frases. Acompanha este livro dois pôsteres e jogos de figuras cujo tema são *kwỳrxành* (macaxeira) e *gômkahêk* (pescaria). A intenção destes pequenos textos é formar frase ou texto conforme o tema, mas cabe ao docente trabalhar de modo que as crianças criem seu texto sem impor o que deve ser feito. Como já perceberam, é um processo pedagógico extraído de um ritual Pěpkaàk e Pěpkumrêx que já não se realiza mais. Mas é interessante trabalhar essas questões para não se perder essa memória de nosso conhecimento milenar.

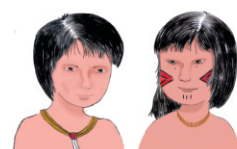
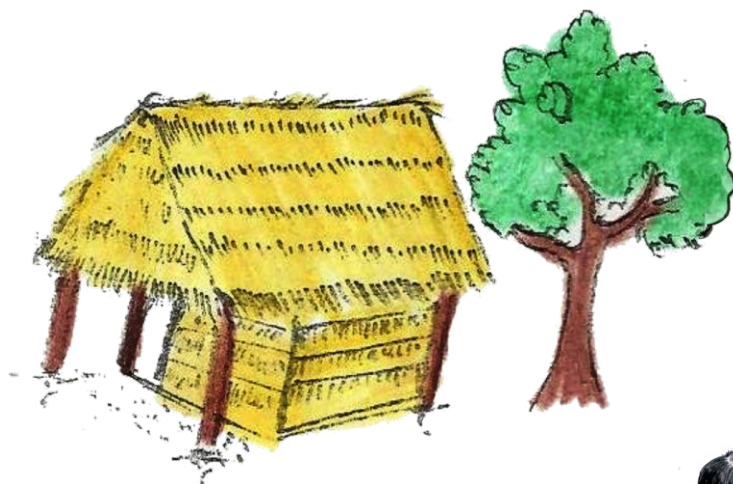
A alfabetização pelos conhecimentos ela não é individual. É coletiva e sem pensar esta coletividade no aspecto escolar, não funciona. É o coletivo que faz acontecer o conhecimento coletivo. Sabemos que a escola tem a figura centralizadora que só uma pessoa pode ensinar uma visão única.

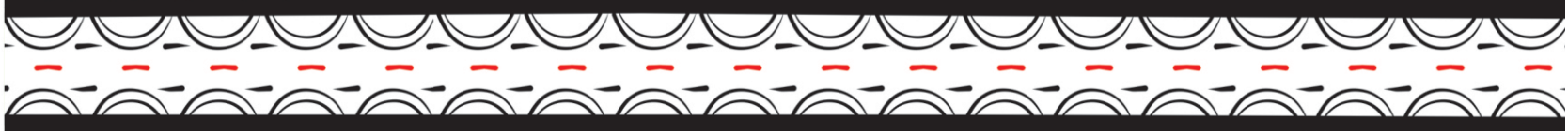
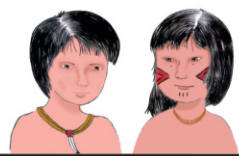
E não é isso que queremos. Queremos propor a nossa concepção e métodos



de aprendizagem para fortalecer a nossa política sociocultural e política escolar. O panhã conduzindo e aprimorando a sua sabedoria e inovando suas praticas pedagógicas e sua realidade.

É tão triste pensar em algo que já não existe, mas pensar nos *mẽhprĩrejaja* me incentiva, e me fortalece em construir um pouco de conteúdos pedagógicos e não pedagógicos que possam ir construindo com o que as crianças sabem. No caso do seu conhecimento de sua cosmologia e narrativas de sua origem.





UJARĚNH XÀ KRAX PĚ PKAÀK KÔT MĚ PAHTE AMNHĪ NHĪPĚX

Ahkre kaxyw kagàja na mẽ pahte nhĭpêx kumaati ô kôt hamaxpêr . Kurũm mẽnywjê xàhpumunh o krax kaxyw nê àhpumunh nê hamaxpêr xà kôt.



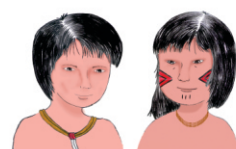
Mẽ àhpumunh maati rỳ mẽ pahte nhĭpêx ô pê Pêpkaàk.

Panhĭ Apinajê ja kêp Timbira nhô xwýnhjê ô na. Mẽ kot mẽmy nywjê mã pahte amnhĭ nhĭpêx jahkre . Mẽ pahte amnhĭ nhĭpêx o papa xwýnhjê ô pê Pêpkaàk nê Pêpkumrêx.

Wa pijakrutja hte kot (Canela) nhô Pêpjê nê Pêpcahac pyràk rỳ Krahô nhô Kêtuwajê nê Pêpcahac pyràk. Nom amgrà pê 1930 rỳ 1940 hã na pre mẽ pahte amnhĭ nhĭpêxja hapêx. Mẽa punu pê mẽkàkagro nê mẽkàxà nê mẽôjaĩr (varíola), Jakamã nhũm mẽhkrãptĩjê piitã kamã grêre kir o nhỹx mẽ hapêx pa. ãm mẽnywjê pỹnhre kot mẽ Pêpkaàk kamã tanhmã amnhĭ nhĭpêx to kaxyw.

Mãanên axwýj axtem mẽ àhpumunh xohtôô. Ahpỹnhã mẽ àhpumunh kaxyw na mẽnijê mã nê mẽmyjê mã. Mẽ pahte amnhĭ nhĭpêxja kôt ahkre kaxyw jakamã kot paj kôt ijamaxpêr. Nê ahkrexàja kôt kop arĩ mẽhprĩjê mã ahkre.

Ja mỳrapê mẽhprĩjê mã mẽ hamaxpêr xàhpumunhja kôt kagà rỳ karô nhĭpêx.





Jakamã mẽ kãm kagà jahkre pix kamã axihtỳx kêt nẽ. Ấm mẽhprĩjê jamaxpêr xà kôt kê mẽ amnhĩm hamaxpêr nẽ àhpumunh nhĩpêx o mỗ. Mẽhprĩ xàhpumunhja na hte mẽ apkati mẽ ho amnhĩ nhĩpêx ho pa. Na mẽujarênh nẽ mẽ ôkrepôx nẽ mẽ amnhĩpêx. Krĩ kamã nẽ axtem krĩ hõ kamã.

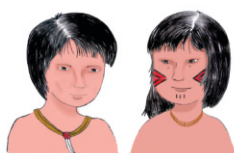
Mẽhprĩjê mã paxàhpumunh jahkreja na mex. Na hte xahtã mẽ pakôt axkamẽ nẽ pakapêr tãnopxa. Nẽ ra mẽ àhpumunh xwỳnhjê mẽ mẽ axpẽn mã mẽmoj xyrpê kapêr. Ra àhpumunh mẽ karõ kôt kagà pumunh mex nẽ.

Mẽ pahte pahkrajê mã paxujahkre ho paxihtỳx kaxyw àhpumunh xà kôt. Paxàhpumunhja mex nom na mẽ ohtôo nẽ kôt rỳ ho amnhĩ nhĩpêx kêt nẽ. Hipêx ri mẽmôr nyw xwỳnhjê. Jakamã kyj pumẽ paxàhpumunhja ho paxihtỳx. Xahtã mẽ paxujarênh nẽ mẽ pahte amnhĩ nhĩpêx nẽ pakapêr kôt pajamaxpêr. Jakamã pahte pajamaxpêr o pamôr kukamã papê Panhĩ Apinajé hã pahte amnhĩ nhĩpêx ho paxihtỳx na kêt mex.

Mẽhprĩrejaja xàhpumunh o hihtỳx ja na kêt mex. No ahkre xwỳnh jamaxpêr xà kôt kêt.

Jakamã kyj pumẽ amnhĩ kôt mẽnywjê kjê kê mẽ xahtã mẽ pahte amnhĩ nhĩpêx kôt hamaxpêr o pa.

Pa pre ahkrexà kukamã ijamaxpêr kot mẽ pakapêr nẽ paxàhpumunh ã pijaàm kaxyw. Kormã ixtukatyj Grehô pê Nhiwêêre nẽ inhĩgêť ô pê Kagàpxi wa tĩr ri ujarênh kwỳ mar kamã ô pê Pêpkaàk. Pa pre ijamaxpêr nẽ hte mẽ ujarênh kamã mẽ kôt amnhĩ nhĩpêx pyràk. Tã pa Magisterio indígena kamã ijamaxpêr ja nhĩpêx

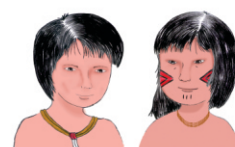




kaxyw nom kormã ho totuj anẽ. Amgrà pê 2006 nẽ 2007 hã na pre ixpê kagà pumunh xwýnh. Kormã kukamã ijamaxpêr. SEDUC – TO na hte curso nhîpêx. ãm ixte ahkre kaxyw kagà nhîpêx hã ijamaxpêr krax. Tã pa “Núcleo Takynahaký de Formação Superior Indígena” kamã panhîjê xàhpumunh nẽ kupê xàhpumunh pumu. Kamã ijamaxpêr ja ho mex o mõi. Ijamaxpêr ja na hte ho amnepêm Pêpkaàk àhpumunh o pa pyræk. No mẽmoj pixi tânopxar kêt nẽ. Hãmri pa ijamaxpêr ja kôt ra hipêx kaxyw. Jakamã 2012 hã inhõ curso ho ijamaxpêr ja ri ijamaxpêrja nhîpêx ho krax. Rôm nhũm programa saberes indígenas kato. Hãmri nhũm ra ijamaxpêr amnhî nhîpêx par o mõi. Mẽ pahte mẽmoj nhîpêx pix kaxyw kêt nom xahtã mẽ pahte amnhî nhîpêx rãhã ho papa kaxyw.

Ra ixte inhõ “superior” ho ijamaxpêr nẽ akupýnh magistério indígena wýr ixujanãr nẽ kamã ahkre ja na mex. Amgrà pê 2015 nẽ 2016 nẽ 2017 hã ho krax. Jakamã na pre mẽ karõ kwý prâr nhîpêx. Tã nhũm axte ujahkrexàja inhmã karõt anẽ. Nom kormã mẽmojja nhîpêx kaxyw rax.

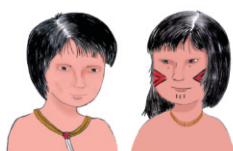
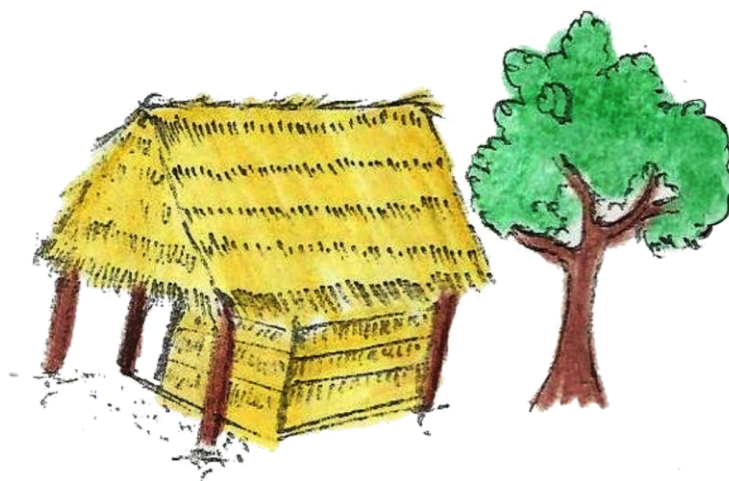
Mẽ pahte amnhî nhîpêx mẽ na ahkreja kaxywja kamã na kôt ahpýnhã kagà pýnh. Na kagà pýnh wokus nẽ kagà pýnh kôsôãx nẽ kagà kryre. Nẽ kôt karõ axkrut nẽ ahpýnhã kaxyw karõ kryre. Wa hixi pê kwýrxành nẽ gômkahêk. Ja kôt ahpýnhã hamaxpêr mẽ tãm karõ jaxwý rý kãm hamaxpêr o axwýr prãm nẽ axwý. Ra mẽ ate omunh mex. Mẽ pahte amnhî nhîpêx õ kwý pê Pêpkaàk nẽ Pêpkumrêx kot amnhî nhîpêx jamaxpêr xà kwý kôt kagà ja hamaxpêr. Ja mýrapê kyj pumẽ ja



kôt pajamxpêr nê paxàhpumunh jamaxpêrja o papikunor kêt nê.

Mê paxàhpumunh maatija na tipxi no ahpÿnhã kêt. Tipxi na kagà jahkrexà na hte mê hamaxpêr tipxi kôt hamaxpêr nom kôt amnhĩ nhĩpêx kêt nê . Mê tipxi kamã na hte mê àhpumunh ihtÿx nê. Ra mê pahte omunh mex kagà jahkrexà kamã ahkrexwÿnhja na hamaxpêr pyxi. Mê inhmã ja prãm kêt. Mê ijamaxpêr xà kôt ahkreja na kêt mex. Mê ixte amnhĩ nhĩpêx o hihtÿx kaxyw. Kêt mê papamjaja paxujahkre xà kôt paxujahkre ho pamôr mê ho amnyw o mõi. Awrà kaprÿ kamã amaxpêrja na kaprĩ. Nom mēhprĩrejaja mã ijamaxpêr nê akupÿm ixihÿx. Ja o kop arĩ mê paxàhpumunh kôt kagà kamã mēmoj nhĩpêx kê mê kôt arĩ amnhĩm amaxpêr o pa kaxyw.

Tõe kagàjahkre xwÿnhjaja ka mê ajamaxpêr. Nhũm mê akwÿja kot kagà nhĩpêxja ã apê. Nom kyj pumê akutãm pajamaxpêr nê mēpamjaja paxujahkrexàja nhĩpêx o mõi. Tô tokyj pumê amnhĩ nhĩpêx anê. No ra pahtã awrà par o mõi.

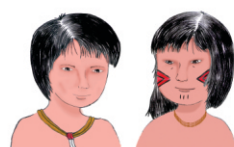


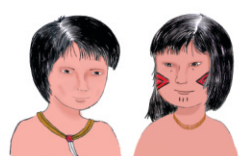


WOKAS

A-Ã-À-E-Ê-I-Î-O-Õ-Ô-U-Û-Y-Ỹ-Û

a-ã-à-e-ê-i-î-o-õ-ô-u-û-y-ỹ-ý





A

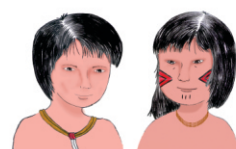
a



Ahtor

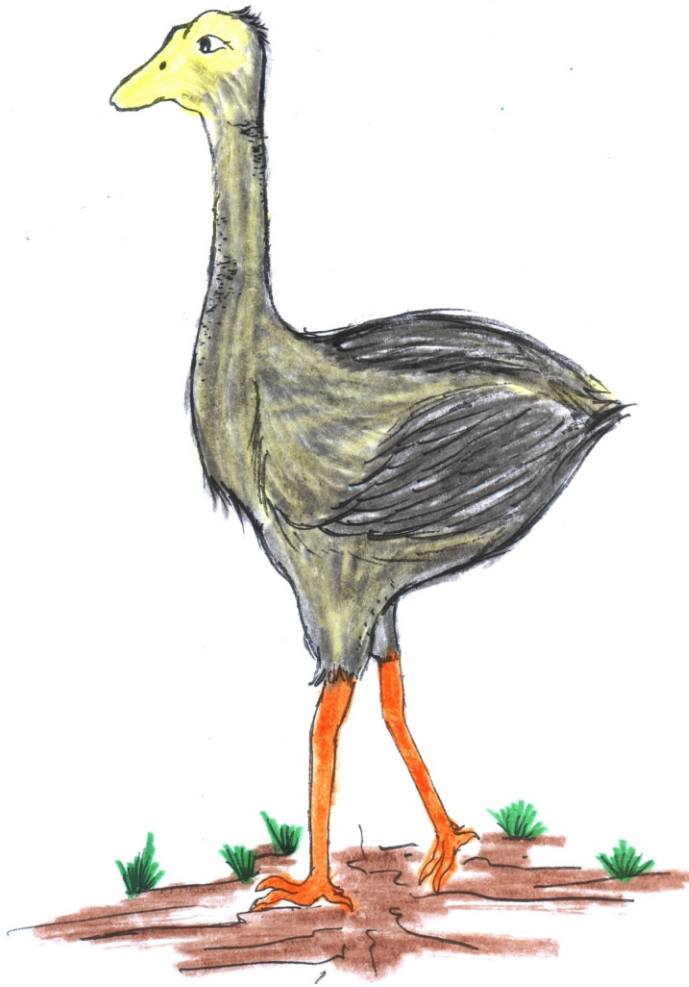
Ahtor na mõi.

Ahtor na tehi kamrêkre nẽ mratýxre.



Ã

ã

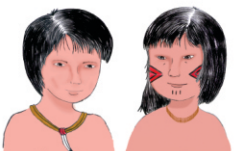


Mãti

Mãti na mō.

Mut ryti nē prêêti.

Na hte mryhi ku.



À

à

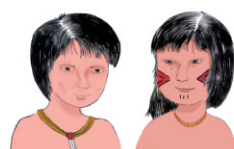


Karà

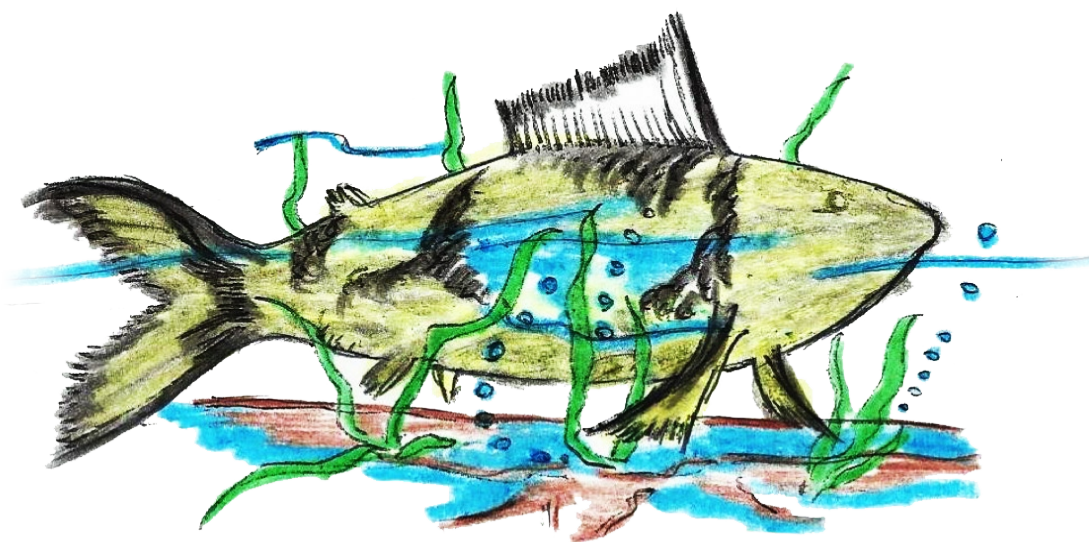
Karà na kamrêêti nê kamã nhĩmroti.

Na hte kapôt hã pa nê mãănên pàre kôt pa.

Na hte nhu ku.



E e

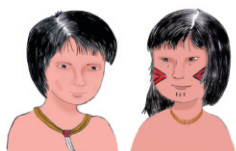


Tep

Tep pê teewa na gôx kãm mỗ.

Na krorti nẽ mratỳx kumrẽx.

Kãm pãy nẽ kwỳrtu xành.



Ě

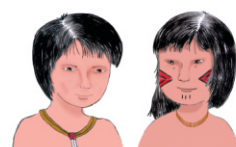
ě



Muutěk

Muutěk rŭnhti na ōkre kamrêêti.

Na hte kamêêre ku



Ê

ê



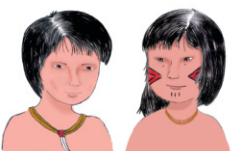
Mrêrxê

Mrêrxê na tyk nhĩmro.

Jakamã kota gôx kãm nõ ka omunh kêt nẽ hã xa
nhũm nhỹhỹnh ajapôk.

Akanhwỳr xà kôt âm à tỳx kumrêx.

Na htem axwỳj mrêrxê ku .



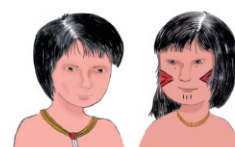
I i



Ixkre

Na htem rōr ô ho ixkre nhĩpêx.

Ně mǎaněn hipy gōr.



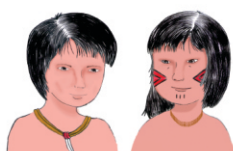
ĩ

ĩ



Kuhpĩp

Na htem pô nhĩnwỳp ho kupĩp nhĩpêx nẽ kamã
hikwỹ.



O

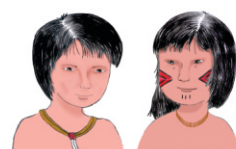
O



Wapo

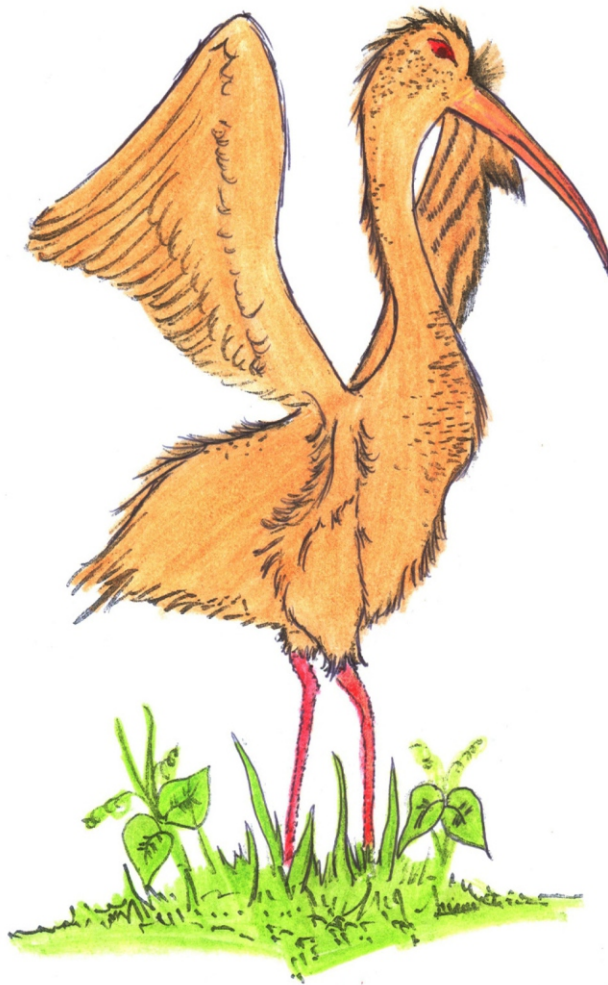
Wapo ho na htem mẽmoj nhĩrê.

Nom ka omnuj nhũm ajayr.



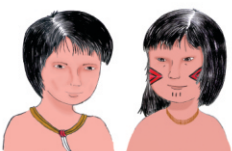
Õ

õ



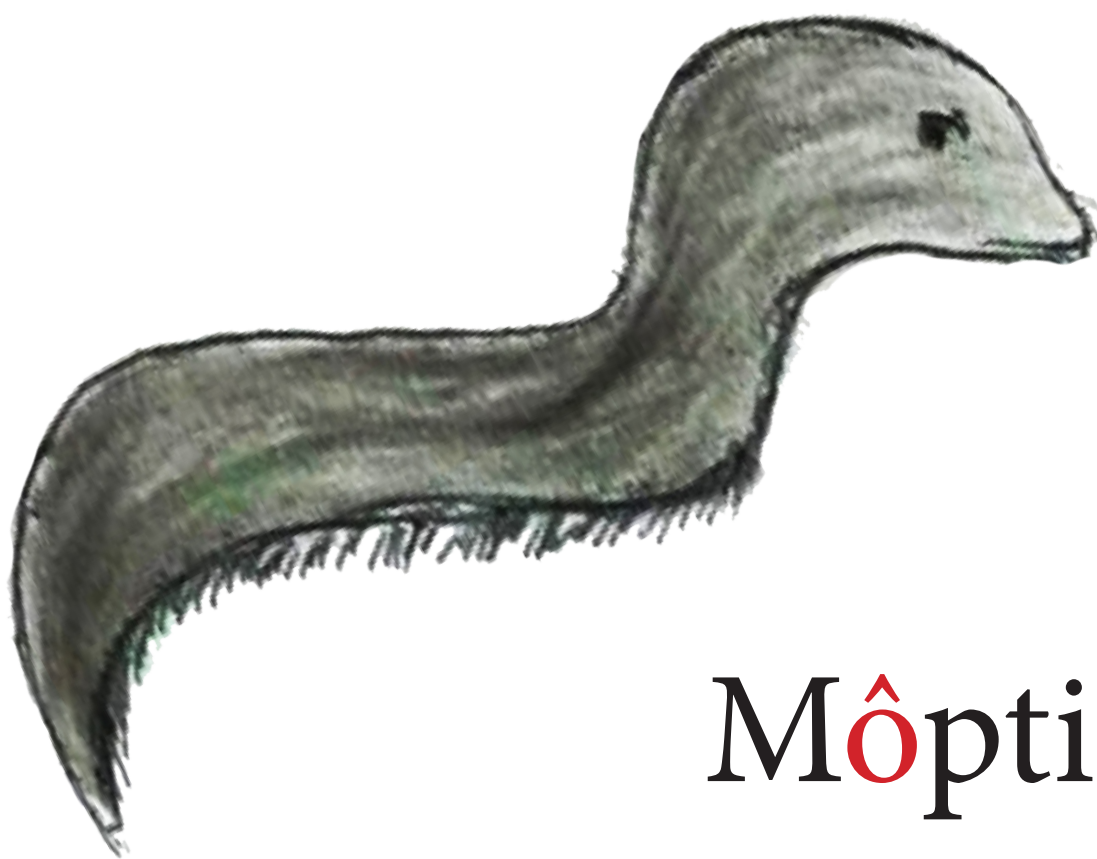
Põpõ

Põpõ na hte himô pix kôt pa .
Tep kur kaxyw.



Ô

ô

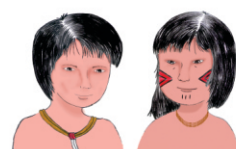


Môpti

Na hte mē môpti ku .

Môptija na hte gôx kām pa.

Na hte môptija mēgêk.



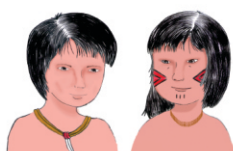
U

u



Krur

Měmyjaja na hte mẽ kuxê nẽ krur nhĩpêx kot ho mry kaxyw. Nom na htem jarãhã xahtã ho mry kêt nẽ.



Ũ

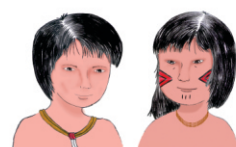
ũ



Mryxũmti

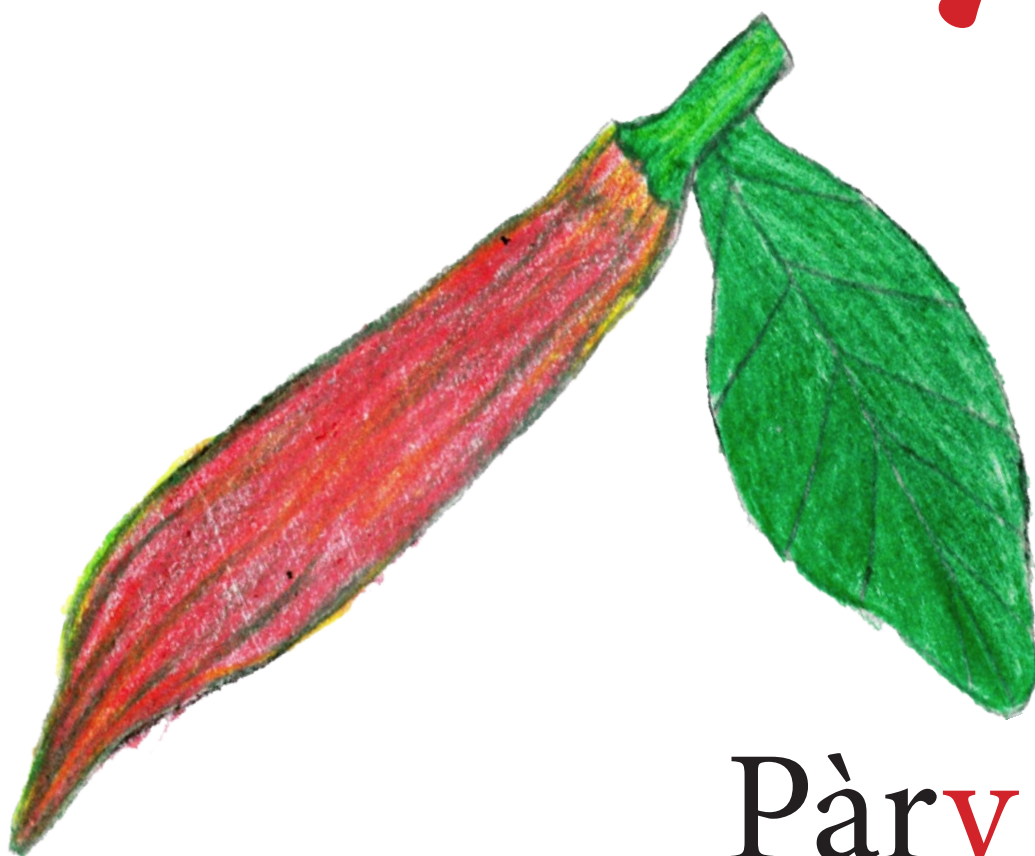
Mryxũmti na twỳmti nẽ kà krorti.

Axwỳj oprêti.



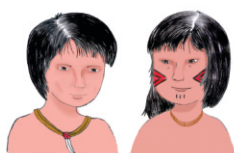
Y

y



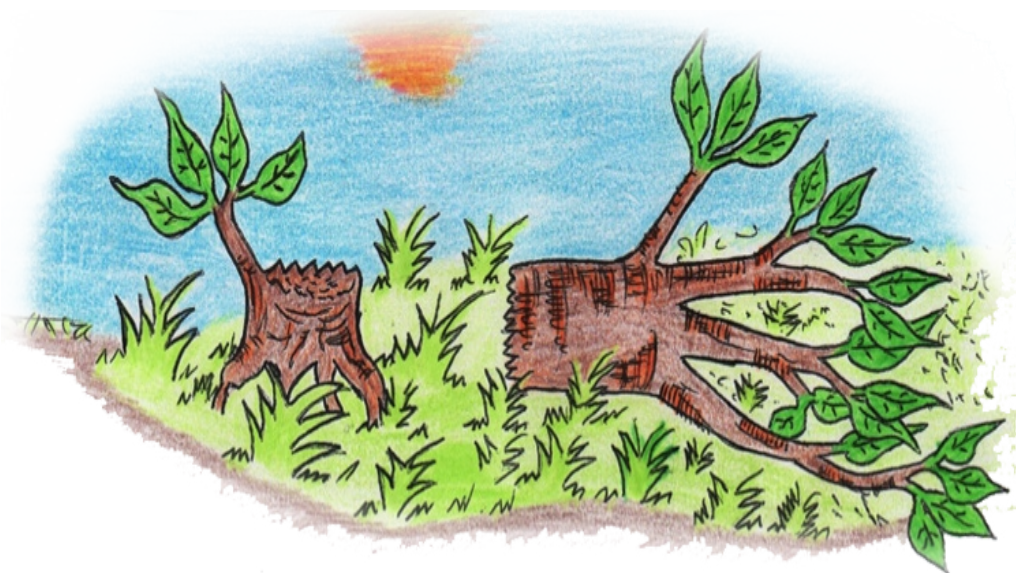
Pàry

Pàry na kamrêkre nê axwỳj y.
Ka hõ katõk nê kupê nhũm ano kagà.



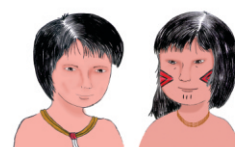
Ÿ

ÿ



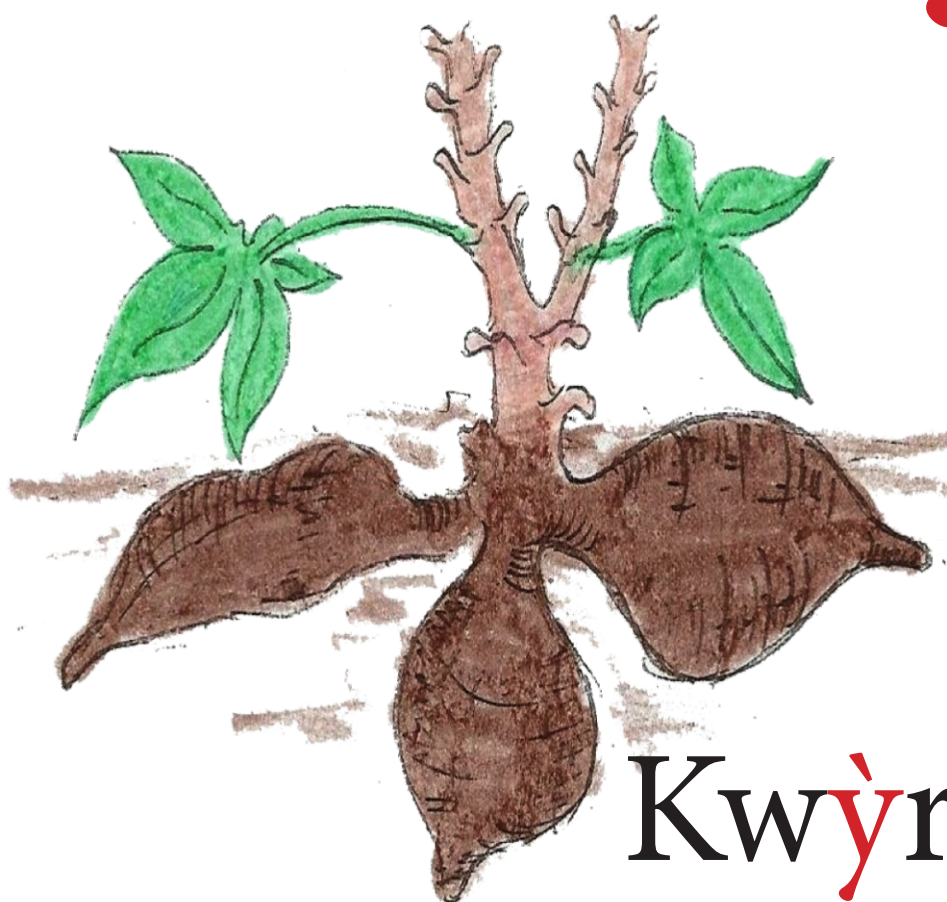
Axkwÿr

Môxti pàr na axkwÿr ñẽ tẽm ñẽ nõ. Kota nõ ñẽ
grà nhũm mẽ kukrĩ ñẽ ho kuto. Ñẽ hã amnhĩm
mehõ nhĩpêx ñẽ kuku.



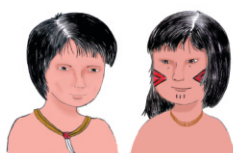
Ý

ỳ



Kwỳrtu

Kwỳr kahàk tu na htem kukê nẽ ho anhỹr pa nẽ
grà. Ho xwỳgrà nhĩpêx nẽ kuwô. No kwỳrxành
tu na htem kukê nẽ mrynhĩ kamã kupu nẽ kuku.

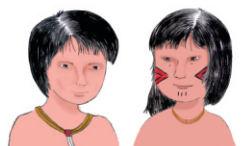


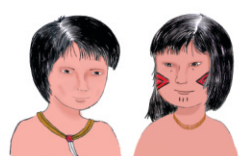


KÕSÔÃX

G-H-J-K-M-N-NH-P-R-S-T-W-X

g-h-j-k-m-n-nh-p-r-s-t-w-x





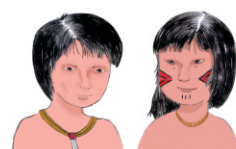
G g



Gôhtàx

Gôhtàx na htem hipy apãmre y rě nẽ kamã te
jajgê nẽ koko.

Na hte grernhõxwýnh harẽnh pẽ koko nhũm
mẽnijaja pẽ ôkrepôxkanêjaja kôt harẽ rỳ hã anhô.



H h

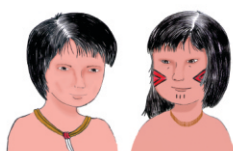


Hagrôre

Hagrôreja na ãm atujre.

Kota môr rax nê omũjja amnhĩ xwa krokrok.

Nê oprêê ka amnhĩmnuj nhũm anha.



J j

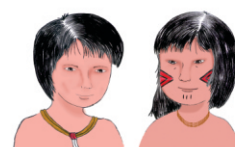


Jàtxô

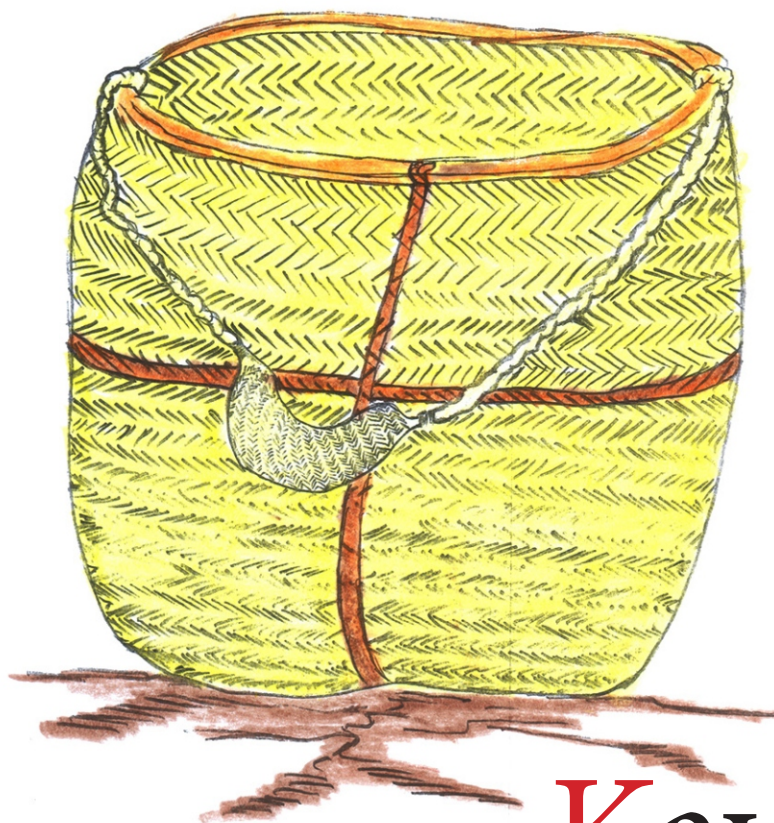
Jàtxô na mex.

Ka aku nẽ mãanẽn xwỳ kamã aku.

Jàtxô na hte kamrêkre nẽ kamã ràràre.



K k

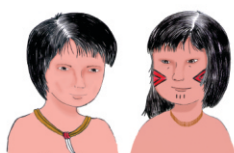


Kawà

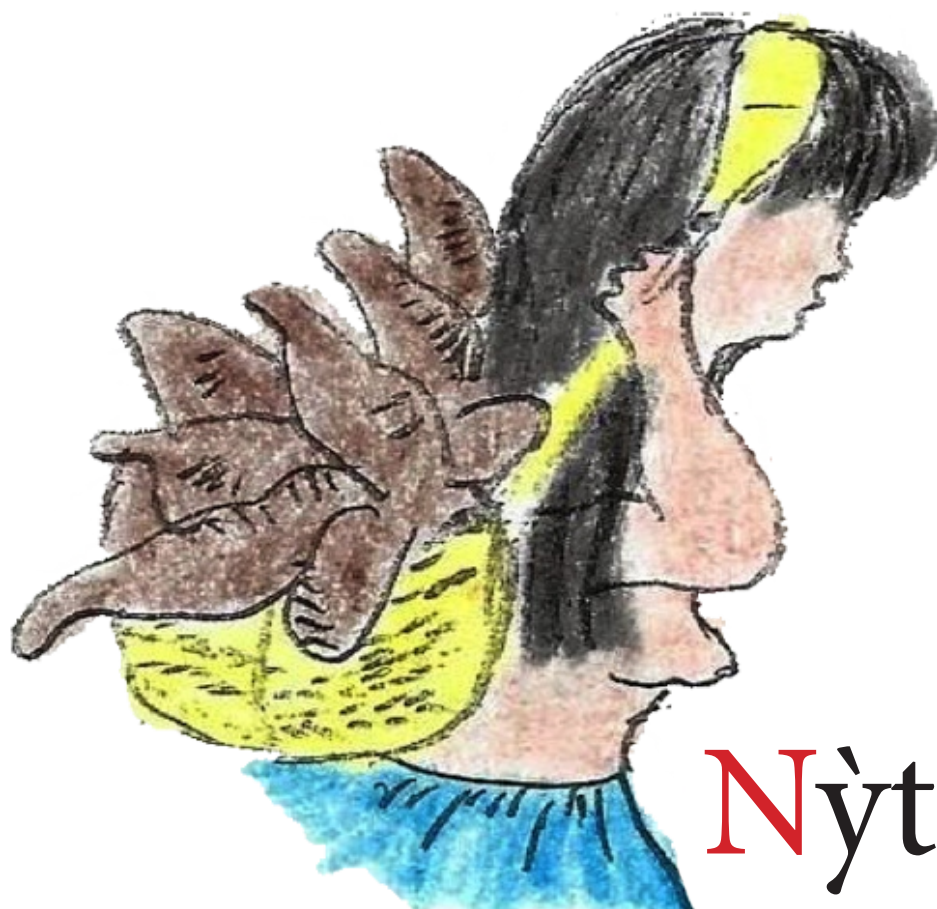
Rõrti hô nhĩnwỳp ho na htem kawà nhĩpêx.

Ně gwra nhĩnwỳp ho kãm ãhkô nhĩpêx.

Ně kamã mẽmoj tu.



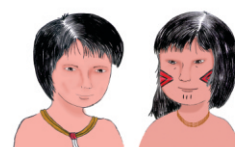
N n



Iremexre na kãm àpênh prãmre.

Na hte mẽmoj piitã hipêx.

Jakamã na kwÿrtu ho kawà ho nýt nẽ o mỗ.



M m

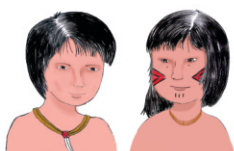


Mrykà

Gwra nhĩnwỳp o na htem mrykà nhĩpêx.

ně kamã kukrêx gjê. Nhũm hte tōhã mēmyjaja

kamã kukrêx gjê ně ma mrym pa.



NH nh

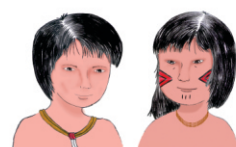


Nhàjre

Nhàjre ja na krã kamrêk.

Nhũm kamã mēhkwỳjaja amnhĩm ho nhàj krã kamrôti.

Na hte kwrýt y ry ho pĩ môr o pa. Kot pĩnhy kur kaxyw.



P p

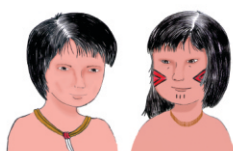


Pàtre

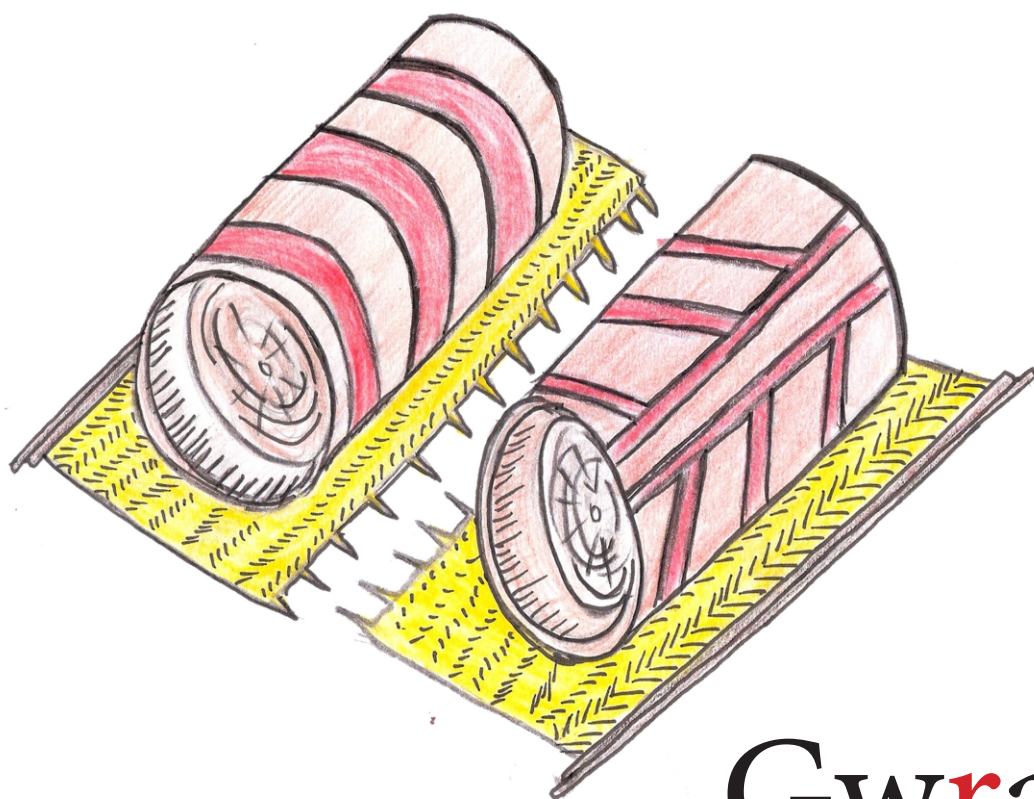
Pàtre na hte rônhyyre ku.

Õhto ryyre jakamã na hte ho hamỳ nẽ kuku.
Ka nhỹrĩ hõ pumu nẽ amnhĩ to mex nẽ.

Kot ãhkop ho akanhê nẽ anhĩ kanhô nhũm kamrô
kato. Nhũm omnuj nẽ .



R r



Gwra

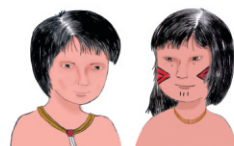
Gwra pàr na ja.

Na wa kuhpĩp yr nyw kamã wa nõ.

Na htem akà nẽ o prõt.

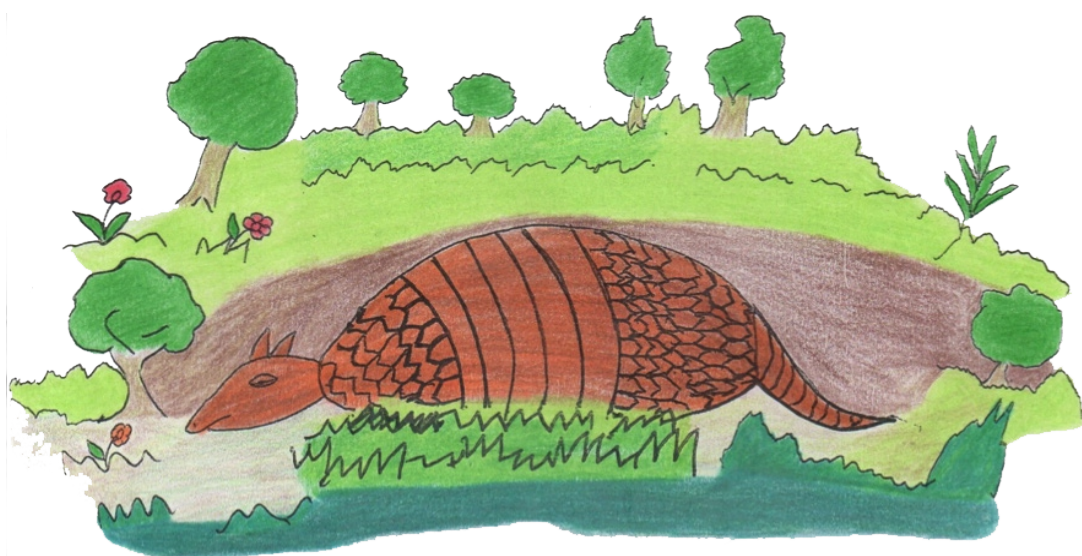
Amnhĩjôk nhĩxi pê na wanhmẽ nẽ katàm.

Nhỹj?



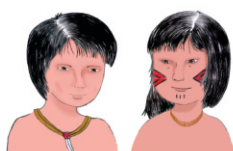
S

S



Sîre

Sîre na hte kêp tôn karõre pyræk. ãm krare.
Ka õ pumu nẽ amnhĩ rax nẽ anhĩkra ho unê nẽ
kànhmã òkwa. Nhũm anhĩkrênh ajêt ka ma o mỗ.



T t

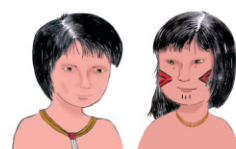


Tôn

Tôn na umĩr kuxware.

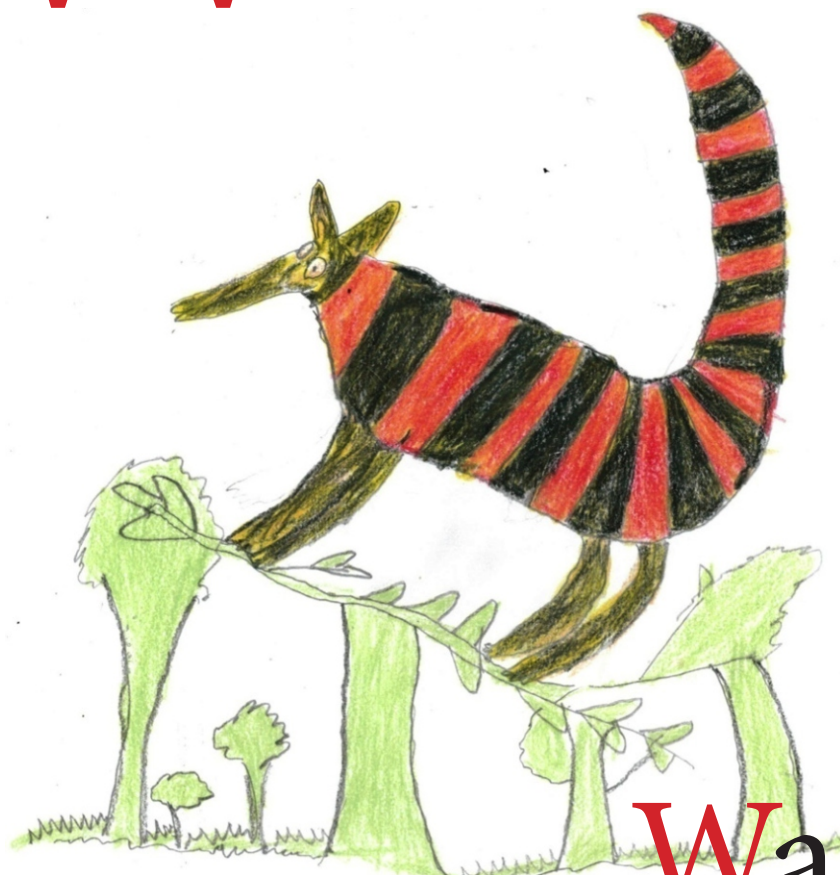
Kot mẽ umĩ ka xwỳ kamã aku nhũm âm mex.

Ka nhỹrĩ ỗ pumu nẽ amnhĩ rax nẽ unê. Kot amnhĩ
ta nẽ akakrê nẽ ma tẽ.



W

w



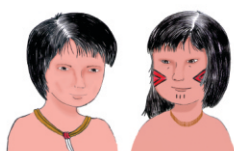
Wakõ

Wakõ krare na mexre.

Ka ho akrit nhũm ri akape hã prõt o mra.

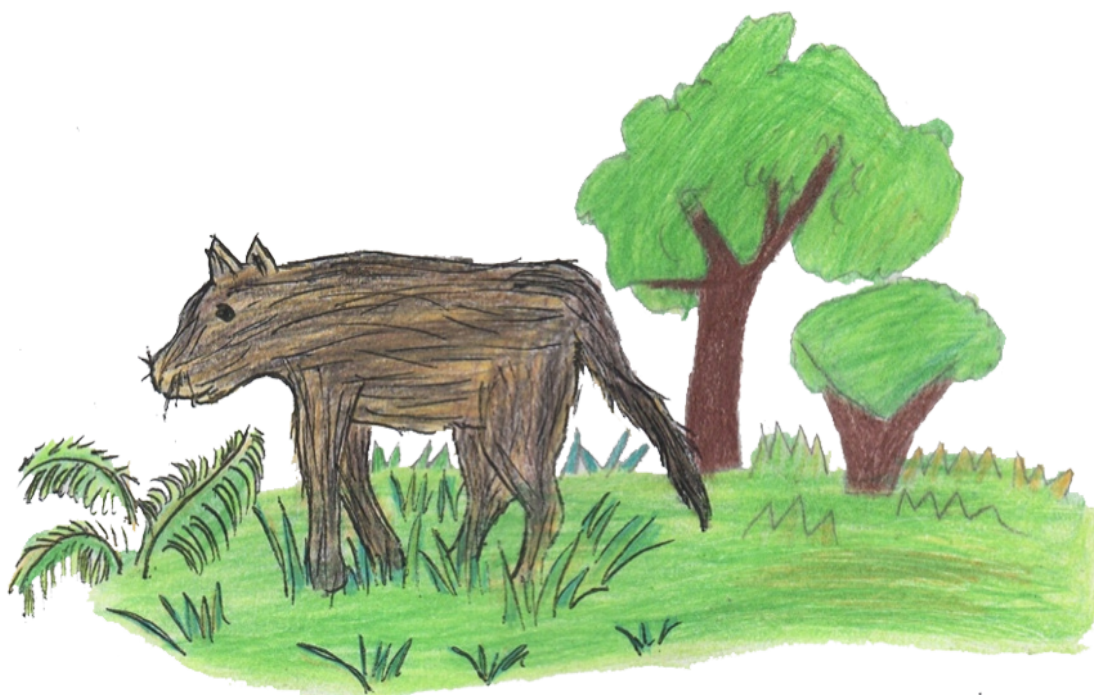
Nom kot rĩ rax o mõi nẽ oprêê nẽ.

Ka amnhĩmnuj nhũm anha rỳ ãhkop ho akakrê.



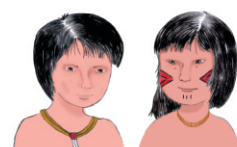
X

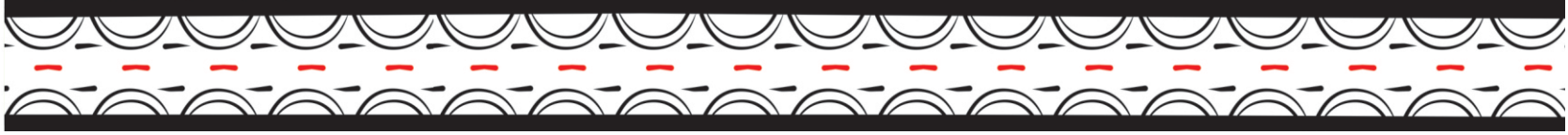
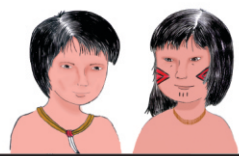
x



Xore

Xore na hte rop pyràk .
Na hte tōhã pry hã mra. Jakamã ka nhỹhỹm tẽ
nhũm pry hã pryre ka omu. Ka awry hã omu
nhũm apumaj ma prõt nẽ tẽ.







Sobre o Autor

Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé

Graduado em Educação Intercultural pela Universidade Federal de Goiás
Goiânia, com ênfase em Ciência da Linguagem.

Cursando Especialização em Educação Intercultural e Transdisciplinar: Gestão Pedagógica

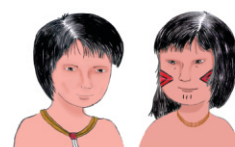
Mestrando em Antropologia Social – UFG

Professor da Escola Indígena Tekator

Morador da Aldeia Olho D'água

Fone: (63)99961512

Email: apinajekamer@hotmail.com





SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA
UFG/UFMA/UFT/MEC-SECADI

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA



NEAI
Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas / UFT